

Cinema/Crítica



Cena em "Quando um Estranho Chama", convencional em clima de mistério.

Suspense e horror para muitos arrepios

OLAVANDO L. FASSINI
As histórias dizem que uma das brindeiras mais sem graça dos tarados norte-americanos — e não são poucos — é a ligação telefônica. Os arcebispos da segunda e terceira séries, são frequentados por milhares de sujeitos psicologicamente perturbados, que encontram tempo para discar o determinado número, quando o marido está ausente, e brincar com as esposas, dirigindo-lhes convites e palavras que não se poderia escrever aqui. Obscenidades, lógico.

A coisa não é nova, e aumenta na medida em que cresce o número de desequilibrados que transitam normalmente nas ruas de qualquer grande centro, neuróticos de primeira estirpe que as autoridades jamais encontram para, no mínimo, tentar assistí-los e reintegrá-los.

E foi talvez baseado nisso que o diretor Fred Walton construiu o seu "Quando Um Estranho Chama" (When A Stranger Calls, no Cine Regina). Não sem razão, a obra ganhou dois prêmios no festival do cinema de horror de Avoriaz, na França, habitualmente um catálogo de sustos e terror imaginados pelas mais diversas tendências cinematográficas. Mas há uma diferença: o problema de Walton, autor também do argumento juntamente com Steve Feké, não se relaciona a maníacos sexuais, mas a crimes reais, sendo eles, ocorridos em três diferentes cidades dos Estados Unidos, envolvendo desequilibrados mentais como Duccan (Tommy Beckley) e ele que procura a provocar todo o horror que ameaça a "babysitter" Jill Johnson (Carol Kane) quando ela é incumbida de cuidar dos filhos de um casal, por tempo relativamente curto.

Na penumbra da residência, o telefone toca, a garota atende, o sujeito lhe pergunta sobre as crianças e desliza. A menina acha que tudo não passa de um troço, mas não é nem isso. Quando avisa a polícia, vem a surpresa: descobre-se que os telefonemas anônimos não vêm de fora de casa, mas de dentro dela. Depois, a tragédia que se trava. Jill. Ela só vai aparecer em cena sete anos depois, quando o maníaco fugiu do hospício e anda solto pela cidade, demonstrando todos os seus neurios, na necessidade de amor, sua completa solidão, seu estado psíquico combatido. A situação se altera graças à habilidade do diretor: os

fatos e as ameaças vão se repetir, mas Jill já é uma mulher casada, tem dois filhos e vai experimentar o mesmo pesadelo que vivera quando "babysitter". No meio da trama, há a ação do detetive particular que, conhecendo todos os antecedentes do caso e do criminoso, procura localizar o maluco.

Fred Walton utiliza uma linguagem cinematográfica convencional para narrar essa história de horror ao telefone, mas isso não impede que seu filme aborde totalmente o espectador, jogando com quase todos os elementos típicos do cinema de suspense e horror, desde a penumbra dos becos até a tênue iluminação das ruas, sombras e escadarias. Walton consegue elaborar uma atmosfera que alcança boa progressão dramática até chegar ao clímax, e este é algo que vai, com frequência, impedir que qualquer cidadão passe vontade em matéria de câmaras.

O filme tem um bom número deles, e o espectador pode ficar atento, por exemplo, ao instante em que, em plano, Jill procura escapar da casa onde trabalhava; ou ao final, muito bem imaginado, que nos provoca exatamente pela inversão de nossa expectativa. Os que gostam de susto têm aí, portanto, um bom cartão-postal. Convencional, mas ainda assim bem acima da média dos sustos que o festival de Avoriaz costuma apresentar ao público, demonstrando que Fred Walton, além de bom artesão, sabe como manipular, por exemplo, a analogia entre determinadas situações, seja a do doído, encontrando o peão de jornal com a foto da "babysitter", que ameaça sete anos antes, seja a da navalha que ela, então mamãe, encontra em poder do filho, uma evidente ligação entre a arma branca e a presença, na casa, de algo estranho e terrível que a mulher vai descobrir logo depois.

Retorna à parte "Quando Um Estranho Chama" é hábil, também, em termos de sugestão. Em vez de explorar o que pode haver de violência física no argumento — e poderia tranquilamente ter feito isso — Walton prefere seguir as lições dos velhos mestres do suspense, apenas sugerindo o perigo, mas jamais expondo a brutalidade do psicopata. Dois bons horas, portanto, que a gente volte a sentir arrepios. Inclusive porque o cinema, ultimamente, parece ter esquecido que todos nós gostamos de ter nossa tranquilidade abalada por acontecimentos insólitos. Nisso, somos todos massoquistas.

Turismo em Teerã antes do aiatolá

LUCIANO RAMOS

Faltam referências quanto à data em que foi feito "Incidente em Teerã" (Marrocos e circuito). Esta produção hispano-italo-iraniana foi lançada apenas para explorar o que o título tem de polêmico. Não há dúvida, porém, que o filme foi realizado em plena época do Xá, com tentativa de promover os aspectos turísticos do Irã. A cidade de Abad, por exemplo, é exibida como uma espécie de edificação da baía de Guadalupe. Só a menção de um anterior ao aiatolá seria possível imaginar um fluxo turístico para aquela região do planalto. Os personagens fazem questão de passar pelas mesquitas, praias e cassinos, agindo mais como guias turísticos do que como mocinhos ou bandidos.

Os incautos que caem na armadilha do título, esperando encontrar um filme que fale dos problemas sérios que irão se refletir na economia mundial, entretanto, perceberão que o Irã não é — nem era — o lugar mais adequado para se visitar numa viagem de férias, ou numa sessão de cinema. Mas se a locação é horrível, o filme como um todo não fica atrás e mostra-se pior ainda. Não passa de um pastiche das mais corriqueiras tradições que para James Bond, por sua vez já excessivamente diluídas nos seriados da TV. Não dispensa o lúcuo, que pretende destruir o mundo, nem as belas cenas que se aproximam de sérias resistências entre o círculo restrito de Brasília que a ela tem acesso através de "sessões privadas" em auditórios da administração federal.

A Divisão de Censura de Diversões Públicas já tem um parecer pronto, com o contrário à liberação do filme. Fontes do órgão chegaram inclusive a anunciar a proibição

mas, agora, a decisão é no sentido de não publicá-la, pois se isso ocorrer, os motivos pelos quais o aristocrata desejaria provocar uma guerra mundial. Também não fica claro por que o herói, um agente americano (o encenador Peter Graves de "Missão Impossível"), trabalha associado a um agente russo. Seria um apelo em prol da cooperação política internacional? Uma proposta para solucionar a crise do Oriente Médio? A hipótese mais viável é falta de assunto, falta de imaginação e falta de respeito para com o público: uma bobagem.

Até mesmo o ministro da Justiça, Ibrahim Abi Aekel, já assistiu ao filme em sessão privada que organizou no auditório de seu

O Conselho Superior de Censura vai se reunir no próximo dia 9, sem que o tema tenha entrado em pauta.

Ópera/Crítica

Em Santos, um bom começo de temporada

JOAO CANCIO POVOA FILHO

Constituiu agradável, agradabilíssima surpresa o espetáculo inicial do "Santitas Opera 80", com "La Traviata", no último domingo. Sabíamos que qualquer empreendimento artístico sob a orientação e direção do jovem maestro Bruno Rocella se revestiria de seriedade e, em consequência, de bom nível artístico, porém, as mais insuspetadas perspectivas foram de muito ultrapassadas. E incrível que, disposto de recursos financeiros limitadíssimos, tenham o maestro Rocella e o seu entusiasmado grupo conseguido realizar espetáculo tão cuidado, homogêneo, tão possível, sem dúvida alguma, merecedor de um louvável trabalho de equipe. Estão, pois, de parabéns a Prefeitura Municipal de Santos e a sua Secretaria de Estado dos Negócios da Cultura pela temporada que patrocinou no recém-construído Teatro Municipal de Santos e, temporada que se abriu tão auspiciosamente com essa "La Traviata".

O maestro Rocella dirigiu com segurança e brilho a Orquestra Sinfônica de Santos e o Coral Lírico Municipal, ambos compostos de elementos competentes e interessados na sua arte, perfeitamente entrosados, afinados. Bem ensaiados. Não é com frequência que se ouve um Coral tão bom.

Emerson Eckmann vem se firmando como um dos melhores registas brasileiros, conseguiu com os seus jovens comandados movimentação com vivacidade e fora do comum para um grupo inexperiente. O cenógrafo e figurinista Newton de Souza Teles, inteligentemente reduziu a cenografia ao mínimo indispensável, e apresentou um guarda-roupa novo, vistoso e adequado. E, até o grupo de Baile Municipal, dirigido pela professora Maria Magalhães, destacou-se no 3.º ato, sendo de mencionar a sugestiva dança espanhola a cargo dos solistas Valdeir Zani e Silvio Maia.

A coreografia geral do espetáculo, cuidado nos mínimos detalhes, coube ao maestro Rocella e a Célia Franchini, merecendo ambos um "bravo" pelos resultados conseguidos.

A protagonista foi o soprano lírico Assunção de Lucca, dona de uma voz de belo timbre, suficientemente volumosa e extensa ao nível soprano, o seu desempenho dramático-vocal, correto e instigante, cresceu de interesse de ato para ato, atingindo momentos de grande ênfase na sua surpreendente interpretação de "Addio del pargliu" e "Inferno". O tenor lírico João de Bráz, também de bom nível, mostrou-se de interesse de ato para ato, atingindo momentos de grande ênfase na sua surpreendente interpretação de "Addio del pargliu" e "Inferno". O tenor lírico João de Bráz, também de bom nível, mostrou-se de interesse de ato para ato, atingindo momentos de grande ênfase na sua surpreendente interpretação de "Addio del pargliu" e "Inferno".

Maliory Cardoso foi uma Flora jovem, bonita e deslumbrante. A Neusa Ventriglietta compôs uma Aminta atrevida e irresistível.

O tenor lírico Manuel da Costa, Alfredo Germon, novato na cena lírica, possui voz agradável, vibrante nos agudos, mas ainda não consegue modular o que, com o prosseguimento dos estudos, por certo logrará. Giorgio Germon foi o barítono José Dainese, cantor seguro que se ouve com agrado, convincente a sua caracterização do velho pai de Alfredo.

Os demais — João de Bráz (Gastone), Geraldo Bovolon (Barão), José Roberto Teixeira (Marques) e Augusto Nogueira (Grimpy) — são, perfeitamente à vontade nos seus papéis, destacando-se o tenor João de Bráz; na verdade, não é comum ouvir-se um Gastone com voz tão bonita e sonora.

É importante registrar que o teatro de revista repleto, a assistência sendo composta principalmente de jovens, e que as palmas foram espontâneas e veementes, sobretudo no 4.º ato, quando todos aplaudiram com entusiasmo.

Em novembro próximo o grupo encenará "Soror Angélica", de Puccini, e "Cavalliera Rusticana", de Mascagni, e em janeiro de 1981 "Madame Butterfly". La estaremos.

Hoje, às 21 horas, a segunda obra da Temporada Lírica, "Il Rigoletto", que, esta noite na próxima segunda-feira, terá seu ensaio geral. Frequentado aos alunos das escolas de música e dança. A Secretaria Municipal de Cultura determinou que se faça assim com todas as obras da temporada, possibilitando aos alunos o acesso em primeira mão a um evento desta importância. Os estudantes interessados devem identificar-se no Teatro Municipal e retirar os ingressos com antecedência.

22 artistas escolhidos para o 1º Salão Paulista

Dos quase 800 artistas que se inscreveram ao Salão Paulista de Artes Plásticas e Visuais, apenas 102 foram aprovados pelo júri integrado por Lourdes Cedran, Sheila Leitner, Paulo Chaves e Ivo Zanini, da "Folha".

Os concorrentes selecionados estarão representados, cada um, com três obras no Salão, que será inaugurado no próximo dia 20, no pavilhão da Bienal de São Paulo. Os artistas não aprovados devem providenciar a retirada de obras a partir de hoje, das 8 às 18 horas, e o mesmo horário de segunda a sábado.

São estes os artistas aprovados: Paulo Waldimir, Erno Ogi (Grupo Eteseron), Neusa Setúbal, O. César, Adil Tabach, Cristiano de Moraes, Pablo Alvarez Valente, Daniel Firmão da Silva, Márcia Rothstein, Aguilari, Cristina Parisi, Charles, Aír, Newton, Valdeir, De Mendonça, Manfred de Souza, Adriano, Gilberto Salvador, Marco Leoni, T. Fukasima, Waldomiro de Deus, Miriam Straus, Diana Martire, Bernadete, Nair, Ircy, Fausta, Vera, Gil, Silver, Silva, Maria do Carmo, Edison C. Jr., José de Diago, Sonia Leite Ribeiro, Jair, Gual, João Grilo, Leonino E. Raymundo, Leila H. Megard, Ursula Wolfart, Agil Straus, Hudson Jr., Françoise Galie, Abadia Funchei e Lúcia Fy, Rosiane Toledo, Suzana Katvy, Fábio Lopes de Souza Santos, Anatol Winczalski, Denise Hanaes Costa, Ivovaldo, Paulo Houayek, Decio Sonei, Gladys Maldau, Nelly Toledo, Bernadete, Nair, Ircy, Fausta, Dantes Veloni, C. Pacheco, Márcia T. Novaes, Hiro Kai, Flávio Basílio.

Pinura do consagrado Charoux, um dos aprovados.

Margot Delgado, José Colucci, Suzana Orlenta, Osman Cabrera, Tito Camargo, Silvia Ebloni, Marcelo Perigo, Lotnar Charoux, Marcos Conclito, Romildo Paiva, Antonio F. Bentes, Eddy Tricerri André, Assis Vitor, Genilson Soares, Ana Maria Amaral, Zé dos Móbiles, Leon Ferrari, Lidia Kisse Sano e Ada Takarazi, Yamazushi, Heitor Takahashi, Ursula Hahnberger, Ircy, Hermano, Valquiria Ines Chiarlin, Emanuel José Guasim, Maurício.

Karoly Pichler, João Calisto, Américo Modaner, Máximo (Roberto C. A. Filho), Vera Corqueira, Lúcia Regina Ferreira da Costa, Clarice Lins, Ronaldo Moraes Rego, Antonio Bontempo, M. (Moacyr Amorim Toledo), Shochi Kamada, Gustavo Rosa, Margarida Lima da Rocha (Ernestina), Václav Sarabji, Heinz Herbert Wagner, Gaitão Zamarelli, Práximo, Kuno Scheller, João J. Spinelli, Alberto Cedron, Celso Tostes.

Feira da Bondade, maior este ano

Com 96 barracas, 7.500 voluntárias trabalhando, e participação de 14 países — entre eles Alemanha, Bélgica, Grécia, Itália, Portugal, Chile e Checoslováquia — a 15.ª Feira da Bondade vai ser aberta na próxima quarta-feira, dia 8, às 14 horas, com a expectativa de receber mais de 100 mil pessoas por dia.

Instalada este ano nos 14 mil m² do Pavilhão de Exposições de Anhembi, esta é a 15.ª edição (metade deste espaço), o evento está em grande parte dedicado às crianças. Este ano, além de 14 barracas, com a expectativa de receber mais de 100 mil pessoas por dia, serão transferidos do Playground para o Pavilhão — e em domingo, dia 12, totalmente dedicada a elas, no Dia da Criança, quando a Feira vai ser aberta às 10 horas da manhã, fechada às 22 horas. Nos demais dias (de 8 a 11), o público poderá entrar numa pista de patinação de gelo, com a expectativa de pagar ingressos de R\$ 50,00, no caso dos maiores de 9 anos de idade.

Mas as atrações para eles não ficam aí. A criança, e também os adultos, poderão se divertir numa pista de patinação de quase 2 mil m², que funcionará nos moldes das já instaladas na cidade, ou o pianoforte leve suspenso ou o pagão ou alguém da pista ou aluga os dois e se divertem mesmo juntos. E quem se liga em jogos variados vai ter a oportunidade de disputar prêmios no cassino, tiro ao alvo, nas barracas da fortuna, ou simplesmente passar o tempo em diversas eletrônicas.

A Feira da Bondade foi criada em 66, por um grupo de voluntárias da Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) tendo à frente uma de suas fundadoras, Jô Clemente. O objetivo, então, foi levantar fundos para a construção do Centro de Habilitação da Apae, o primeiro da América Latina. Hoje a Associação atende a mais de 1.200 excepcionais em suas 12 unidades, 15 mil pessoas por ano em ambulatório, em serviço de orientação, e tem um total de 22

para atendimento total que já está chegando a 600 mil necessitados. "Há tanto por fazer e não há condições de se ampliar o trabalho conforme as necessidades" — diz Jô Clemente. "A gente tem que caminhar junto com a pobreza e as deficiências do país. O que alivia é que ficamos com a impressão de ter feito alguma coisa pelos pais que nos procuram e levam informações preciosas para criar seus filhos excepcionais".

Alex Periscinotto, presidente desta Feira da Bondade, mudou a filosofia do evento, lembra Jô, presidente do Conselho Honorário: "Do apelo caridoso, humano, mudou-se para o comercial, de barganha, pois a feira em si já é uma coisa popular. Quando invento a feira do meu pai, recebo 100 mil, e não estamos preparados para isso. Agora temos um espaço maior e todo mundo quer vir adquirir as coisas que custam mais barato".

Ano passado a arrecadação em vendas ficou nos R\$ 56 milhões, desta vez espera-se um resultado entre R\$ 85 a 90 milhões que, entre outras obras, vão ser aplicados na ampliação da "Unidade Dia" da Apae, que atende e dá orientação aos pais de crianças excepcionais em seus primeiros meses de vida.

Para arrecadar esse dinheiro, a Feira da Bondade vai ter de 100 barracas típicas (do Amazonas, Bahia, Mato Grosso do Norte e do Sul, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Ceará, Pará, Maranhão, Rio Grande do Sul, São Paulo), que reúnem artesanato, comidas regionais, flores, quitandas, porcelanas, peças em vime. E barracas estrangeiras, com artigos raros ou de difícil acesso. Há essas atrações e 200

nidas pelo Corpo Consular — está às conservas Italianas, palhas de Florença; sapatinhos de lá, tapetes, e xales luguilivos; bandejas de cores vivas, turbantes e robes sirios; cristais tchecos, chocolates, relógios e lanternas holandeses; vinhos alemães e chilenos, etc.

Os brasileiros ainda participam representados por 22 barracas de lojas e boutiques, que entre outras utilidades e facilidades vão vender peças decorativas, toalhas para crianças, bonecas, artigos de cozinha, roupas femininas, blusas importadas e artesanato.

Uma das barracas criativas é a "Futura", dedicada às crianças, com bonecas, bonecos, bichinhos e cobertores bordados, além de roupas e calçados infantis. Lá haverá uma parte dedicada ao esporte onde os visitantes conhecerão a boia com que fez seu milésimo gol, uma camisa da Seleção n.º 10, e claro) autografada, uma camisa autografada do Sócrates. E poderão participar ainda de um leilão de uma bola autografada por todos os integrantes da atual Seleção Brasileira.

Não existe uma porcentagem fixa de descontos, com relação aos preços de loja, mas Nelson Ortega, vice-presidente financeiro da Feira, acredita que a taxa de desconto esteja em torno de 30%.

Os visitantes que foram de carro ao Anhembi, nesses dias, poderão usar o estacionamento do Pavilhão. Os que forem de ônibus tem linha da CMTA da Cordeiro para o Anhembi, e a linha especial da Mercedes-Benz de 4.ª-feira a sábado, de 15 às 22 horas, saindo da Galeria Prestes Maia (domingos a partir das 10 horas). Os que utilizarem Metrô terão ônibus integração na Estação Tietê e Estação Santana, o mesmo acontecendo com os que utilizarem as linhas Penha-Lapa ou Luzianne Paulista.

ASSINE A FOLHA DE S. PAULO
PREENCHENDO O CUPOM ABAIXO E REMETENDO PARA AL BARÃO DE LIMEIRA, 425 — S. PAULO — DEPTO. DE ASSINATURAS
AL ATRAVÉS DO TELEFONE: 220.0011 — RAMAIS 187 — 188 — 189
— EM SUA CIDADE PROCURE O AGENTE LOCAL —
Formulário de assinatura com campos para Nome, End. p/ entrega, Referência p/ entrega, End. p/ cobrança, Cidade, Caixa Postal, CEP, Profissão, Bairro, Fone, Bairro, Fone, Estado.

Burocracia contra "Estado de Sítio"

BRASÍLIA (Sucessal) — O governo decidiu "burocratizar" a decisão de declarar o Estado de Sítio. O ato será apreciado pelo Conselho Superior de Censura, em instância de recurso, o que resultará em novas polêmicas e questionamentos do caráter da abertura.

Até mesmo o ministro da Justiça, Ibrahim Abi Aekel, já assistiu ao filme em sessão privada que organizou no auditório de seu

"Estado de Sítio"

mas, agora, a decisão é no sentido de não publicá-la, pois se isso ocorrer, os motivos pelos quais o aristocrata desejaria provocar uma guerra mundial. Também não fica claro por que o herói, um agente americano (o encenador Peter Graves de "Missão Impossível"), trabalha associado a um agente russo. Seria um apelo em prol da cooperação política internacional? Uma proposta para solucionar a crise do Oriente Médio? A hipótese mais viável é falta de assunto, falta de imaginação e falta de respeito para com o público: uma bobagem.

Até mesmo o ministro da Justiça, Ibrahim Abi Aekel, já assistiu ao filme em sessão privada que organizou no auditório de seu

O Conselho Superior de Censura vai se reunir no próximo dia 9, sem que o tema tenha entrado em pauta.

FOLHA DE S. PAULO